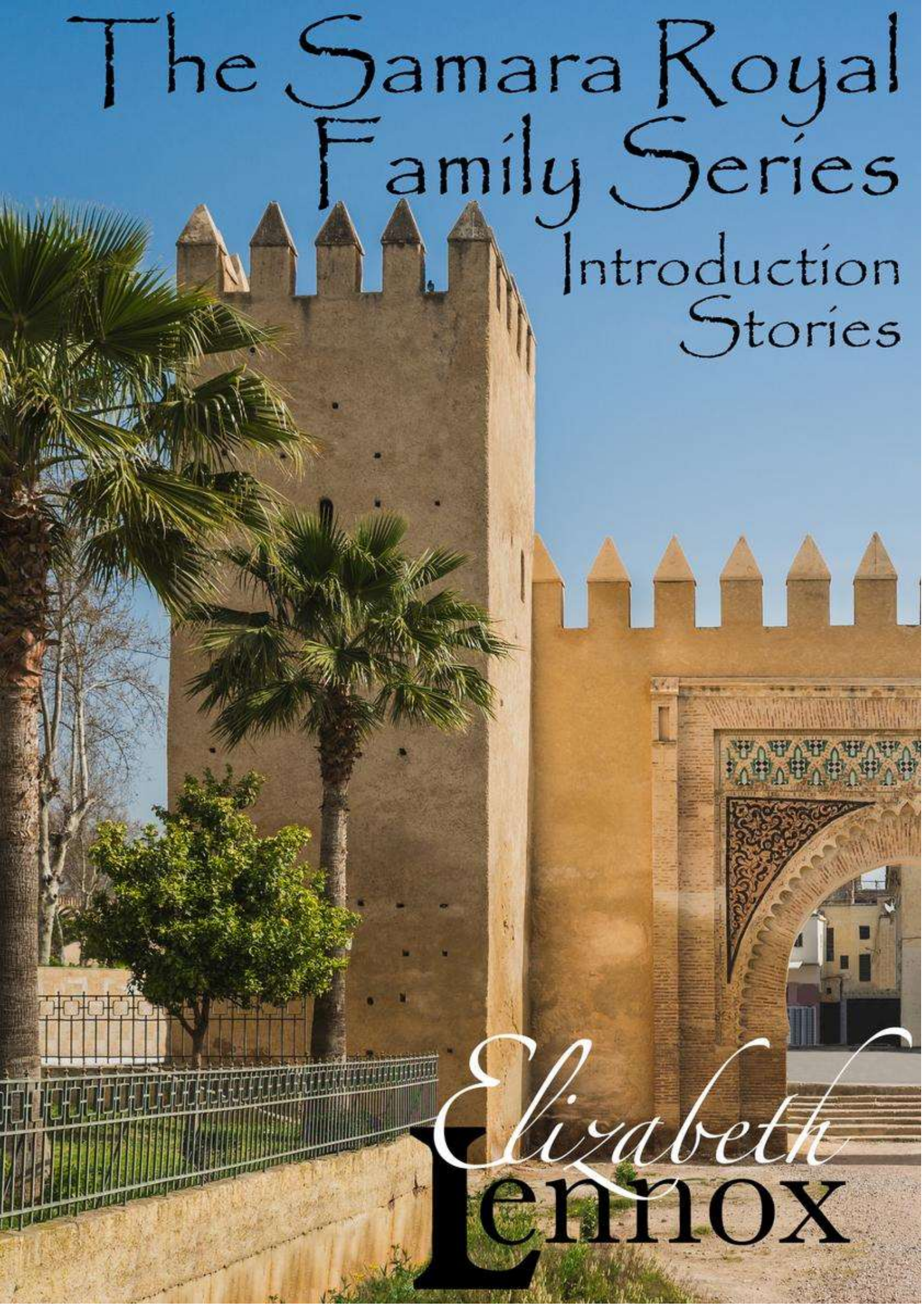
The Samara Royal Family Series

Introduction Stories



Elizabeth Lennox



apresenta

Introduction Stories

Série The Samara Royal Family

Elizabeth Lennox

Equipe PL:

Tradução: Danna Oliver

Revisão Inicial: Liani

Revisão Final: Camika, Ana C

Leitura Final: Sisley

Formatação: Lola

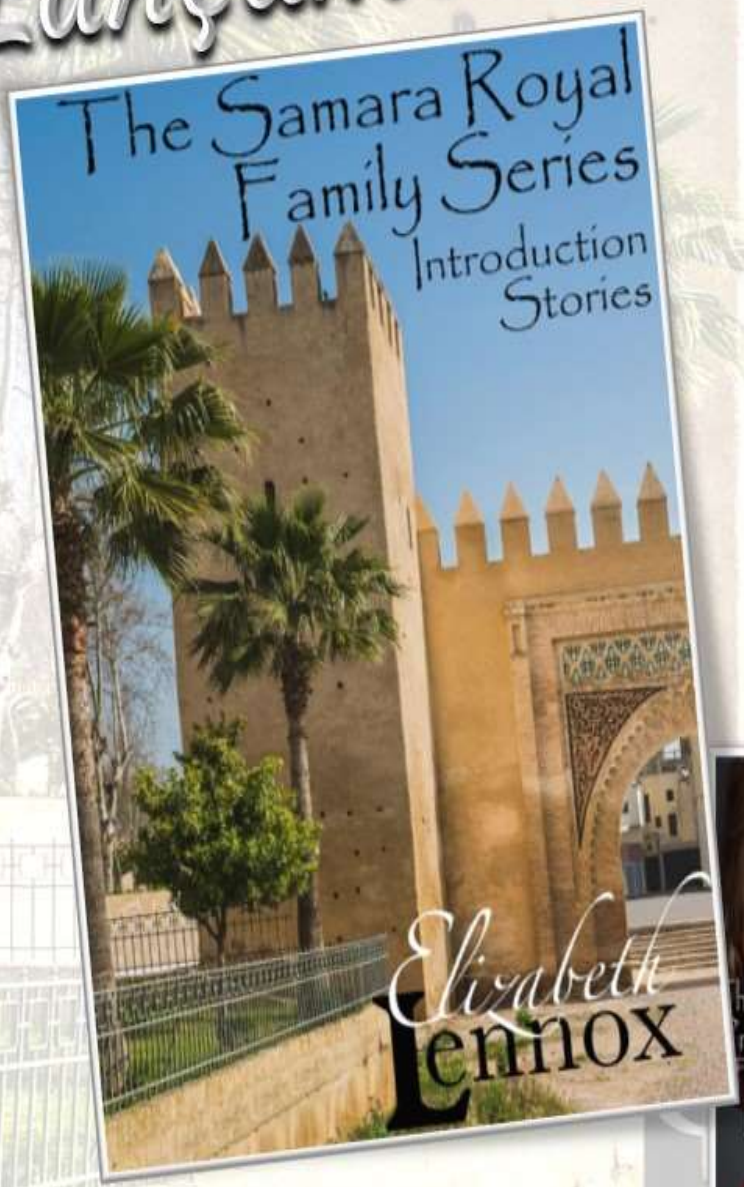
Verificação: Lela C

Verificação Final: Anna Azulzinha

PNL APRESENTA

Série The Samara Royal Family

Lançamento



Em Breve





SINOPSE

Sheik Jiran e sua linda esposa Ava criaram cinco filhos fortes, inteligentes, atraentes e precoces. Neste conjunto de histórias curtas, aprenda mais sobre Ramzi, Turk, Rais, Ciala, Shantra e as travessuras que fizeram quando crianças. É a introdução perfeita para o primeiro livro da série, Grávida do bebê do Sheik.

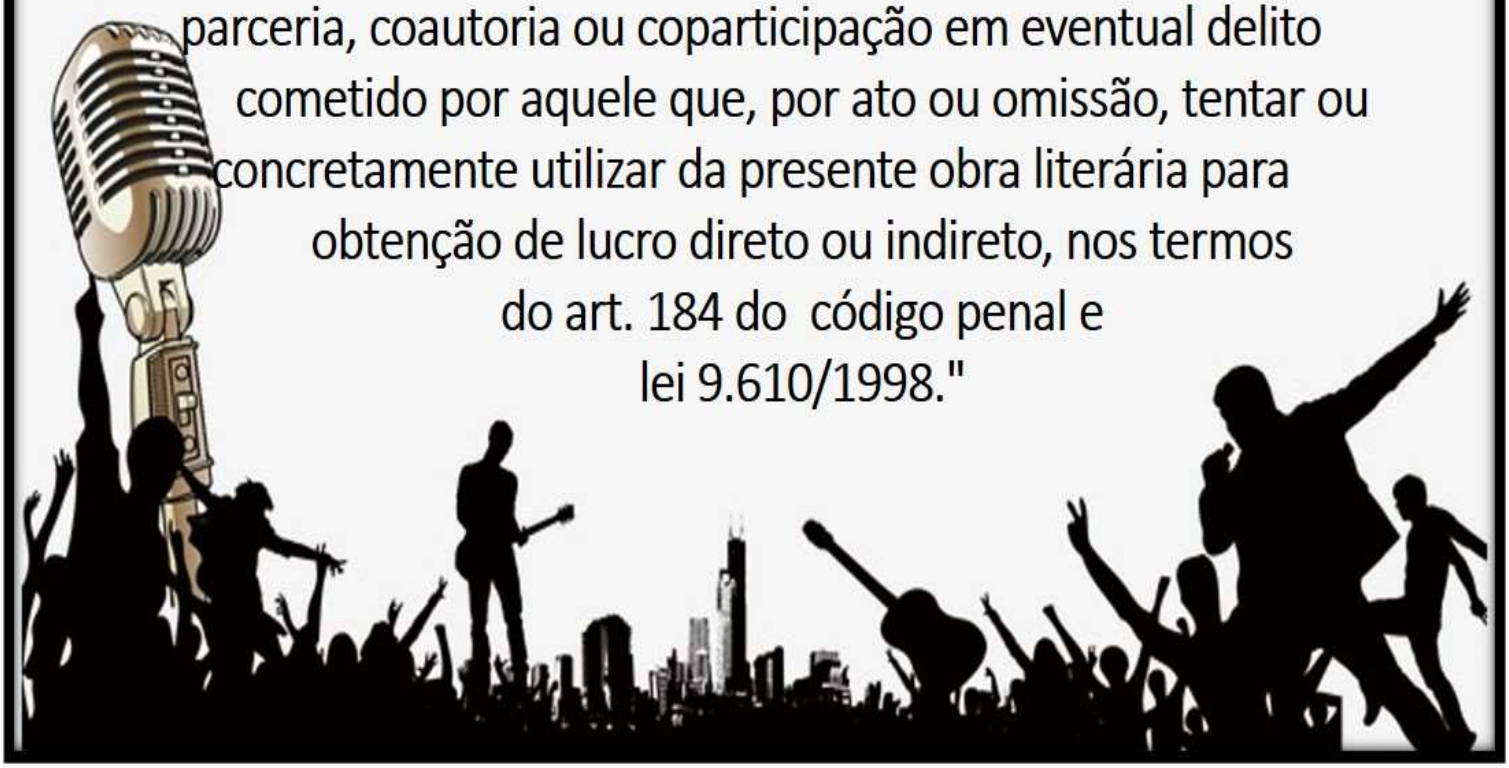
Os contos a seguir dão um vislumbre dos cinco irmãos que serão apresentados na série The Samara Royal.

"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

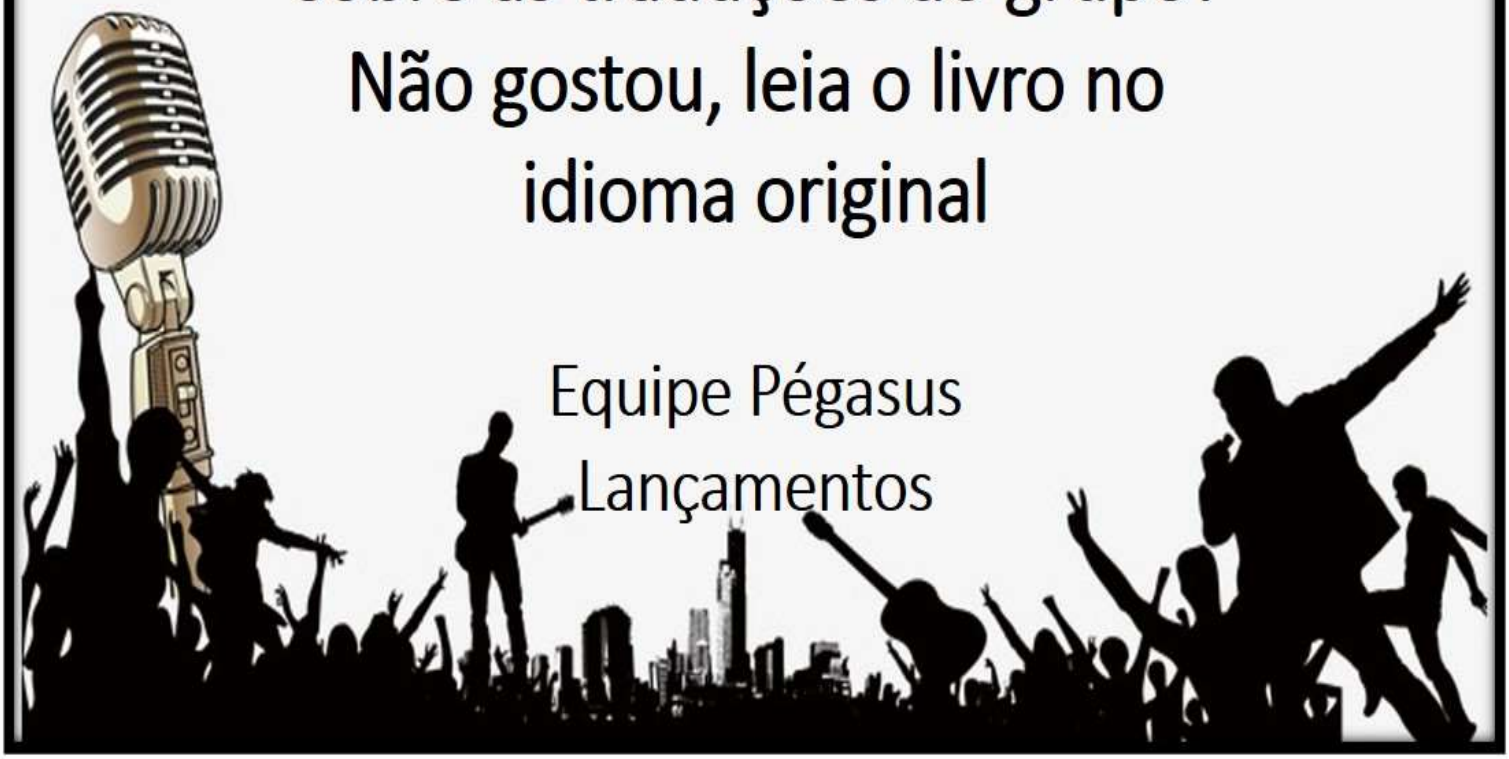
O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."



Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!
Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no idioma original



Equipe Pégasus
Lançamentos



Capítulo 1

— Jiran, você precisa descer aqui — disse Ava pelo telefone, cautelosamente de olho em seus três filhos enquanto falava. Seu marido, o Sheik de Kilar, teria que lidar com essa bagunça. Se considerava forte e independente, mas quando os três filhos se envolviam nesse tipo de travessura, Jiran tinha que assumir o controle. Ela não podia... não é... não. Jiran tinha que estar aqui para isso.

— O que está errado? Tenho uma reunião daqui a pouco.

Ele falou, enquanto Ava balançava a cabeça.

— Não. Você não tem. Venha aqui agora, estou no meu escritório e... — Ela parou, sem saber como explicar o que estava olhando. — Bem, apenas venha aqui. Rápido.

Ava desligou o telefone e continuou a encarar os três garotos. Sete anos e foram os mais maravilhosos, surpreendentes e chocantes anos de sua vida. Antes de conhecer Jiran, honestamente não pensava que esse tipo de felicidade poderia existir, mas a dela era a prova de que a vida poderia ser uma incrível aventura atrás da outra.

Olhando para os filhos, todos olhando para ela com... bem, não podia facilmente dizer o que os olhos deles estavam dizendo a ela. Era a cor. Era um grande contraste.

— O que há de errado, querida? — Jiran perguntou quando entrou no escritório alguns momentos depois da conversa por telefone.

Ava olhou para o marido, maravilhada mais uma vez que aquele homem forte e poderoso a amasse. Dava a ela um amor tão forte, tão incrível, que ficava chocada algumas noites.

Nesse momento, ela definitivamente poderia ser caracterizada como chocada, até mesmo horrorizada, surpresa também, embora por um motivo completamente diferente.

Jiran estava atrás de seus três filhos, mãos nos quadris e tentando com afinco ser paciente.

— Bem? O que está acontecendo, querida?

Ava olhou para os meninos. Ramzi faria sete anos este mês, Turk tinha seis anos e o seu pequeno rapaz, Rais (que não era pequeno em nada), tinha cinco anos. Todos os três eram muito espertos e preparados para assumir seus futuros papéis com entusiasmo. O que só fez este momento mais precioso.

Ela levantou a mão e silenciosamente ordenou aos filhos que se virassem e encarassem o pai. Relutantemente, o fizeram, mas percebeu que os olhos deles estavam abaixados de vergonha. Uma coisa era a mãe deles vê-los... assim. Mas era um assunto diferente para o pai testemunhar suas travessuras infantis.

Jiran olhou para o relógio e depois para os filhos... depois deu uma segunda olhada, não conseguia tirar os olhos dos três filhos.

— Querida... por que meus filhos... — Parou, sem saber exatamente o que dizer. Olhou para os meninos, depois para a esposa, depois para os filhos, ainda... atordoado. — Por que se parecem com Smurfs?

Ava cobriu a boca com a mão, tentando muito não rir. Isso realmente não era engraçado. Não tinha ideia do que os filhos fizeram dessa vez para pintar a pele assim, mas os três estavam azuis. Não apenas um tom leve de azul. Não, era um surpreendente e profundo, azul elétrico, até os dedos estavam azuis! Havia uma coloração azul no cabelo e nos cílios. Cada um usava camisas de manga comprida, mas suspeitava que peitos e barrigas também estavam azuis.

À menção dos personagens de desenho animado, lutou para sufocar o riso, para recuperar a compostura o suficiente para responder à pergunta do marido. Não estava funcionando, mas limpou a garganta e conseguiu uma resposta curta.

— Hum... essa é uma boa pergunta. Ramzi, se importa em explicar?

O mais velho e futuro Sheik de Kilar, Ramzi, se mexeu um pouco como se suspeitasse que devesse ficar envergonhado, mas então o orgulho inato entrou e ele levantou o queixo e se empertigou ao máximo.

— Li uma história sobre uma maneira de mudar a cor da pele, — começou a explicar, os olhos se elevaram nervosamente quando o pai cruzou os braços no peito. — Bem, e eu queria tentar.

Jiran assentiu, então olhou para seu próximo filho.

— E você, Turk?

Turk encolheu os ombros.

— Queria ser como Ramzi, — disse com uma voz confiante.

Jiran olhou para seu filho mais novo.

— Rais? Você tinha que participar da festa?

Rais poderia ser o mais novo, mas tinha uma dose sólida daquela inerente arrogância.

— Eu gostei. — Afirmou como alguém de apenas cinco anos de idade poderia. Até acrescentou um sorriso no final, não percebendo a gravidade do problema em que estava no momento. Seus dentes brancos eram ainda mais brilhantes contra o fundo azul do rosto e lábios e Ava queria desatar a rir.

Ramzi sacudiu a cabeça.

— Rais exagerou um pouco com o corante, pai. Turk e eu saímos do banheiro e o encontramos se lavando com a água colorida.

Jiran olhou para o mais novo e assentiu.

— Acho que você ganhou a competição. Ele olhou de volta para o mais velho. — Como você fez isso?

Ramzi endireitou os ombros.

— Roubamos a tintura de comida do chef, colocamos em uma tigela e... — Deu de ombros. — Foi muito fácil.

Jiran acenou com a cabeça. Não poderia olhar para Ava porque sabia que começaria a rir. Sabia que queria que ele levasse isso a sério, mas... Droga, seus filhos estavam azuis! Seus garotos eram muito jovens para descobrir como fazer algo assim, mas não estava disposto a pegar seus livros por isso. Um castigo seria apropriado neste momento, mas... o que no mundo um pai faria para punir seus filhos por ficarem azuis? Era definitivamente um daqueles momentos em que... bem, quanto gostaria de ter um manual!

Sério? Azul?

— Entendo. — Finalmente disse. — Bem, você não deveria estar na aula agora?

Todos os meninos suspiraram de alívio. Ava não ficou tão aliviada.

— É tudo o que vai dizer? — Ela exigiu, era filha única, então lidar com garotos era um mistério. Mas não deixaria esse tipo de incidente ficar impune.

Jiran quase riu quando viu a diversão nos olhos castanhos. Ambos estavam perplexos e sabia exatamente o que ela estava fazendo. Não tinha ideia de como lidar com os

filhos inteligentes e curiosos, então jogou isso nos ombros dele.

— O que você acha que deveria acontecer?

Perguntou suavemente a Ava que olhou para os três garotos, ainda sem saber o que fazer e então teve uma ideia.

— Não é hora de outra foto formal?

Jiran a olhou com admiração, sabia exatamente o que ela estava fazendo e se estivessem sozinhos, a teria puxado em seus braços e a beijado feito bobo.

— Acredito que sim.

Olhou para os filhos. Ramzi estava horrorizado, Turk estava um pouco confuso, esperando um castigo pior e Rais estava sorrindo de orelha a orelha, empolgado em tirar uma foto enquanto estava azul. Ava assentiu com a cabeça.

— Chamarei o fotógrafo aqui esta tarde.

— Excelente. — Falou e beijou a esposa, então olhou para os três filhos com uma expressão severa nos olhos. — Para a escola. Tenho certeza de que seus professores estão esperando por vocês.

Os três rapazes saíram, apenas Rais estava animado para o dia. Quando estavam sozinhos novamente, Jiran se virou para encarar Ava e ficou surpreso quando furiosamente o cutucou com um dedo no meio do peito, enquanto dizia com propósito.

— Quero uma menina!

Jiran riu e sacudiu a cabeça.

— Pensei que não quisesse mais ter filhos. Na verdade, quando Rais nasceu, você me disse especificamente que não me daria mais garotos. — Ressaltou.

— Não darei, — Ava afirmou firmemente, cruzando os braços sobre o peito e olhando para ele. — Quero uma garota. E vamos continuar tentando até que você me dê uma garota.

Os olhos de Jiran brilharam com a luxúria que nunca estava longe da superfície quando sua esposa estava por perto e perguntou enquanto a empurrava contra a mesa.

— É isso mesmo?

Ava instantaneamente sabia o que ele estava prestes a fazer e empurrou seus ombros.

— Não aqui, Jiran! Não faremos isso na minha mesa de novo!

Mas já era tarde demais, as mãos estavam ao redor da cintura e a cabeça vazia, a antecipação passando por ela enquanto pensava em como era maravilhoso fazer bebês com este homem.

Ele riu, um som sexy que nunca deixou de fazer seu corpo reagir.

— Por que não aqui?

Ela saiu dos braços dele e colocou vários metros entre eles.

— Porque fez amor comigo na mesa do meu outro escritório anos atrás. Lembra?

— Não tenho como esquecer e não foi só uma vez. — Disse enquanto continuava a persegui-la, para que não fosse longe demais.

— Ok! Bem! Mas todas aquelas vezes na minha mesa, me distraíam! Tive que continuar trocando de mesa! — Falou levantando as mãos na frente dela.

— Não funcionou.

Respondeu, indo na direção dela mais uma vez. Riu de sua expressão luxuriosa, o coração acelerou quando as memórias a atingiam, fortes demais para serem ignoradas.

— Porque continuava fazendo amor comigo nas minhas novas mesas.

— Sim. Está dizendo que não gostava dessas atividades?

Abriu a boca para dizer que não, mas nunca foi capaz de mentir para ele.

— Esse não é o ponto! — E mais uma vez desviou para o lado, evitando as mãos dele. — Jiran, você tem uma reunião. Você mesmo me disse isso.

— Pode esperar. Minha esposa me deu uma ordem. Sempre fico feliz em seguir as instruções dela.

Ava riu e decidiu que era melhor correr. Infelizmente, ou talvez fosse uma coisa boa, mas nunca chegou à porta do escritório. Em instantes, estava em sua nova mesa e Jiran estava a ajudando a ter aquela garotinha.



Capítulo 2

— O que é isso?

Perguntou Rais enquanto espiava através das grades do berço. Porém com quase nove anos de idade, Ramzi era o mais sábio de todos, mas seu nariz se contorcia de repugnância enquanto examinava a coisa minúscula e gorducha que dormia no berço, falando com repulsa.

— É uma menina.

Turk também olhou para ela, sem ter certeza do que fazer com essa última adição à família e perguntou:

— O que faremos com uma garota?

Ramzi sacudiu a cabeça.

— Nada. As garotas são chatas.

Rais esticou o braço e cutucou o bebê adormecido ao mesmo tempo que perguntava:

— Isso se move?

Ava foi até o berço, pôs a mão nas cabeças de Ramzi e Rais e falou aos garotos enquanto olhava já apaixonada para sua primeira filha.

— As garotas são muito divertidas e Ciala será muito graciosa quando ficar mais velha. Agora é apenas um bebê, mas vai crescer e acho que vão gostar dela também.

Os três garotos se entreolharam, silenciosamente transmitindo seu ceticismo. Ramzi finalmente anunciou, embora seu tom sugerisse que estava apenas sendo educado pelo bem de sua mãe.

— Ela é muito legal.

Ava riu suavemente antes de se inclinar para o nível dos olhos de seus filhos.

— Vocês terão uma grande responsabilidade pela frente. Ciala precisará da ajuda de vocês para guiá-la por todas as coisas que os três já sabem.

Rais deu outra espiada no bebê e balançou a cabeça.

— Ela não parece que vai aprender muito. — Aos seis anos de idade, ele puxava à mãe em relação à matemática. Amava números e fórmulas, pegando qualquer livro de matemática que pudesse encontrar. — Vou ensiná-la, mas... — parecia duvidoso.

Ava riu e despenteou o cabelo dele.

— Tenha paciência. Ela vai ser muito divertida.

Ramzi manteve seu rosto perfeitamente inexpressivo, assim como o pai faria quando discordava de alguém. Turk não teve tanto sucesso em esconder as emoções, então seu cinismo veio alto e claro.

— Dê a ela alguns anos. Eu acho que você vai mudar de ideia. A maioria dos garotos muda de ideia sobre garotas em algum momento.

Ramzi, Turk e Rais se entreolharam, fizeram uma careta e Ramzi disse sacudindo com repugnância a cabeça.

— Meninas.



Capítulo 3

Ramzi de quatorze anos entrou na sala da escola e se sentou no chão, onde Ciala de cinco anos estava construindo uma torre com blocos e Shantra com três anos de idade estava desenhando com giz de cera.

— Ciala, Shantra, precisamos conversar.

Ciala deixou cair seus blocos e veio sentar-se no colo do irmão mais velho. Encostou as costas contra o peito dele e sorriu.

— Vocês não podem sair com garotos. — Disse às duas.

Shantra olhou para o irmão com confusão, mas não disse uma palavra, enquanto Ciala com cinco anos de confiança assegurava.

— Não gosto de garotos.

— Eu sou um garoto.

Falou cuidadosamente, sua mente voltando para a noite anterior, quando beijou uma garota pela primeira vez. Por mais que gostasse da experiência, ele não queria que os meninos tocassem suas irmãs. Nunca!

— Você é meu irmão. — Ciala riu. — Você não é um menino. Quero dizer, você é um menino, mas não de verdade.

Ramzi revirou os olhos para a lógica de cinco anos.

— A coisa é que, quando você começar a gostar de garotos, vamos ter que conversar. Por que... — Como explicar? Era uma conversa tão difícil. — Bem, vocês simplesmente não farão isso.

Ciala sorriu.

— OK. Sem meninos. Mas você me ajudará a construir uma torre?

Ramzi sabia que deveria estar na escola. Química era fascinante, mas Ciala era realmente fofa. E era mais esperta do que a maioria das garotas com quem entrou em contato até agora, então ela era mais interessante para conversar, mesmo tendo apenas cinco anos de idade. Ainda não tinha uma conclusão sobre Shantra. Estava calada, mas cara, sua irmãzinha poderia falar! Ela adorava conversar sobre qualquer coisa sob o sol. Se não estivesse falando, estava cantando. Ou dançando. Ou apenas se movendo. Shantra não conseguia ficar parada por dois minutos. Ele sabia por que cronometrou. Até agora, ela só conseguiu chegar a quarenta e cinco segundos.

Olhou para ela agora e com certeza, Shantra estava cantarolando um pouco, embora não tivesse ideia do que poderia ser. Infelizmente, sua irmãzinha podia cantar tão bem quanto sua mãe. Muito mal, em outras palavras. Pelo menos sua irmãzinha tinha uma voz mais suave. Por outro lado, a mãe quando cantava, poderia esvaziar quartos.

— Quando você ficar mais velha, vou te ensinar autodefesa, Ciala.

Ela se virou sobre seu colo e sorriu para ele.

— Mesmo? Eu serei capaz de te virar sobre minha cabeça como você, Rais e Turk fazem um ao outro?

Ramzi riu da possibilidade.

— Não. Você nunca será capaz de me virar, mas será capaz de fazer isso com qualquer homem que te tocar.

Estavam agora no chão e Ciala tentou imitar a maneira como ele construía seu lado de sua torre, mas Ramzi já havia estudado arquitetura e conseguiu equilibrar os blocos com mais precisão. Não importa o quanto ela tentasse, não conseguia acertar e seu lado da torre continuava caindo.

Ciala suspirou com frustração por não conseguir acompanhar o irmão.

Rais e Turk entraram na sala naquele momento, viram o que Ramzi estava fazendo e sentaram-se no chão, cada um deles construindo um anexo da torre elaboradas, pontes e telhados.

— Você está controlando de novo!

Ciala anunciou, batendo o pé para dar ênfase e Rais olhou para ela e sacudindo a cabeça.

— Ciala, você está muito bonita hoje.

Ciala mostrou a língua.

— Ainda está controlando, faz isso o tempo todo! Continua tomando meus brinquedos!

Com isso, foi para onde Shantra estava desenhando e pegou seu próprio papel, olhando para os irmãos ocasionalmente, frustrada por nem sequer se importarem com sua raiva. Depois de vários minutos, Ciala já estava farta e anunciou.

— Acho que devemos brincar de esconde-esconde.

Os garotos mal prestaram atenção a ela. Estavam muito interessados em discutir a próxima seção da torre de madeira, ocupando todos os blocos disponíveis. Ela considerou apenas chutar a torre com o pé, mas se lembrou da última vez que fez algo parecido com os irmãos. Ficou de cabeça para baixo pelos tornozelos e atravessou o palácio até a mãe resgatá-la, aliviada por ter usado calças naquele dia.

Então, ao invés de chutar, adotou outra tática. Foi até Turk, que estava debruçado sobre parte do prédio de madeira. Com um suspiro dramático, se envolveu nas costas dele.

— Ciala! Saia de mim!

Retrucou, mas ela estava grudada nele como cola, implorando:

— Brinque de esconde-esconde comigo.

— Não, agora saia.

E deu de ombros, esperando que isso a fizesse sair de suas costas. Ciala pulou para o chão, mas simplesmente para que pudesse continuar a travessura, se aproximando da “obra-prima”.

— O que isso faz?

Perguntou e colocou o dedo perigosamente perto do que ela sabia ser uma viga de apoio. Rais olhou para ela.

— Não toque, Ciala.

Quase deu uma risadinha quando todos congelaram, preocupados que ela tocasse aquele bloco e fizesse a coisa toda desmoronar, mas apontou para outro bloco vulnerável e perguntou:

— Bem, o que esse aqui faz?

Ramzi não ia arriscar, se levantou e agarrou as pernas dela, arrastando-a para mais longe da torre e voltando para sua posição a advertiu:

— Seja boazinha!

Implacável, Ciala voltou a atenção para Rais, indo pelas costas. Colocou os joelhos na bunda dele e subiu pelas costas, apoiando o queixo no ombro, dizendo com excitação:

— Isso parece bom. Mas sei o que seria ainda mais divertido.

Todos os irmãos olharam para Ciala, depois um para o outro. Ciala era jovem demais para decifrar a mensagem silenciosa que passava entre eles.

— Tudo bem! — Anunciou Turk. — Vamos brincar de esconde-esconde. Na verdade, vou ser o primeiro, contarei até dez e todos vão se esconder, ok?

Ciala saltou das costas de Rais e bateu palmas dizendo aos irmãos:

— Wahoo! Mas você tem que contar até cem.

Shantra se levantou também, batendo palmas, apesar de não ter certeza do motivo de toda a empolgação.

— Comece a contar.

Ordenou Ciala, que foi até a irmã mais nova e pegou a mão de Shantra. Esperou até que Turk estivesse deitado no chão com as mãos sobre os olhos. Quando chegou a quatro, Ciala puxou Shantra para um dos armários, riu quando fechou a porta, acendendo a luz para que não ficassem com medo. Ouviu vagamente o irmão contar, mas a porta sólida abafou a maior parte do barulho.

Turk e Ramzi se sentaram de volta ao redor da torre de madeira e continuaram seus esforços de construção enquanto a contagem continuava. Rais foi até o outro armário para pegar o resto dos blocos de madeira para que pudessem aumentar o prédio.

— Pronto ou não, aqui vou eu! — Gritou Turk. Os três discutiram calmamente seus esforços de construção, esquecendo-se completamente de suas pequenas irmãs chatas que estavam sentadas no armário se escondendo deles.

Ciala não tinha ideia de quanto tempo se sentaram no armário, tentando ficar muito quietas. Mas depois de um tempo, aceitou que se escondia muito bem para os irmãos. Era justo sair e começar o jogo novamente.

Abrindo a porta com cuidado, olhou para o quarto e... os ratos! Todos os três irmãos estavam sentados ao redor daquela torre estúpida. Nem sequer tentaram encontrá-la!

A minúscula mão de Shantra segurou a de Ciala e uma ideia veio à mente.

— Vamos, Shantra. Temos algumas lições para dar.

Shantra saltou ao lado de sua irmã mais velha e mais sábia, sem ter certeza do que estava acontecendo, mas satisfeita em ser incluída na diversão.

Ciala pegou uma das pequenas pás do galpão do jardineiro, entregou uma para Shantra e outra para si. Não tinha certeza do que faria, mas seria bom, pensou.

Quando encontrou algo nos estábulos, finalmente teve um plano. Na lata de lixo, Ciala encontrou vários sacos de pano que continham grãos e os levaram pelos estábulos. Todos os trabalhadores do estábulo curvaram-se para as pequenas princesas e ela sorriu para cada um deles, cumprimentando alegremente cada um pelo nome enquanto ansiosamente esperava ficar quite com os irmãos horríveis. Mas quando encontrou o que procurava, seu sorriso mudou de educado para animado.

— Vamos, Shantra. Isso é perfeito.

Se abaixou e pegou o esterco do cavalo nos sacos. Só um pouco em cada um, pensou. Shantra estava ocupada demais batendo a pá na terra, mas assim que Ciala terminou, levou as pás de volta para a área do jardineiro e conduziu Shantra de volta ao palácio. Escondendo as sacolas dos

outros membros da equipe, ela correu para os quartos de cada um dos irmãos, colocando o estrume em lugares estratégicos e depois saindo.

Várias horas depois, Ciala estava vestida com um de seus vestidos mais bonitos. Ela correu para a mãe colocando os braços ao redor do pescoço e se jogou no seu colo.

— Você está bonita esta noite.

— Olá linda! — Jiran disse enquanto entrava no quarto. Ele beijou sua esposa primeiro, depois se abaixou e fez cócegas em Ciala. — O que fez hoje? — Ele perguntou enquanto se movia para o bar e serviu-se de uma bebida.

— Brinquei com Shantra.

— Ciala!

Um rugido veio de fora da porta da sala. Um momento depois, o corpo alto de Ramzi invadiu o quarto. Seus olhos percorreram a sala, aterrissando finalmente em sua irmãzinha, gritando.

— Você está com problemas, garotinha!

Jiran sabia que algo estava acontecendo e entrou na frente de seu filho mais velho.

— Ei, o que há de errado?

Rais e Turk apareceram um momento depois, ambos com expressões igualmente furiosas nos rostos. Rais e Turk tinham quase a mesma altura, mas Ramzi passou por um surto de crescimento, então estava alguns centímetros mais

alto. Infelizmente, toda aquela fúria zangada e adolescente estava concentrada em Ciala no momento.

— Ela fez isso, pai! — Ele rugiu, apontando um dedo acusador para Ciala. — Agora está tentando fingir ser toda fofa e inocente, mas ela fez isso!

Jiran olhou para sua filha e soube pela expressão que ela estava aprontando. Ciala era fofa, mas ainda era jovem demais para esconder suas expressões.

— Ciala? O que você fez?

Rais e Turk avançaram, apenas parados pelo braço mais forte do pai.

— Ela colocou estrume em nossos sapatos! — Disse Rais.

Ciala pulou do colo de sua mãe, os ombros inclinados para seus irmãos malvados.

— Sim, bem, pegaram meus blocos e depois enganaram a mim e a Shantra para nos escondermos no armário! São malvados! — Gritou nem um pouco intimidada.

Ava revirou os olhos e colocou Ciala de volta em seu colo. Naquele momento, uma babá levou Shantra para o quarto, toda vestida e pronta para dormir.

— Pare! — Jiran esbravejou, terminando a briga antes de começar. A babá, assustada com o caos na sala, recuou um passo e apertou sua pequena carga no peito.

— Não você, — disse para a babá que sorriu fracamente.

Shantra se soltou dos braços da babá e praticamente dançou para os irmãos. Pulou para cima e para baixo, batendo palmas.

— Vocês acharam a surpresa? Acharam? Acharam? Devemos mostrar a eles?

Perguntou à irmã mais velha, rindo em sua excitação. Ciala pegou a mão da irmã dizendo com orgulho.

— Eles encontraram as surpresas.

— Vocês provocaram as meninas?

Ava suspirou com exasperação perguntando a seus três filhos. Ramzi se endireitou.

— Ela estava sendo chata, mãe! Não nos deixava em paz.

Ava olhou para a filha, as sobrancelhas erguidas.

— Então a enganou para se esconder no armário?

— Isso fez com que ela ficasse quieta.

Os três garotos deram de ombros explicando, com um leve remorso e se sentindo assim apenas porque foram pegos. Ao mesmo tempo os olhos de Ciala se dirigiram para a expressão severa do pai perguntando com os olhos castanhos arregalados.

— Por que vou querer beijar um menino?

Ava e Jiran perderam a linha de raciocínio com essa pergunta.

— Por que você quer beijar um menino? — Perguntou o pai, curvando-se ao nível de sua filha, curioso, mas entendendo que provavelmente tinha a ver com um de seus filhos.

— Não sei. Ramzi disse que eu beijaria um garoto e então teria que virá-lo sobre meu ombro.

Disse Ciala encolhendo os ombros. Todos os olhos se voltaram para Ramzi, que apenas cruzou os braços sobre o peito.

— Simplesmente disse que, se um menino tenta beijá-la, deve jogá-lo sobre o ombro.

— Bom!

O pai disse com um aceno de concordância, ao mesmo tempo Ava punha a mão nos olhos dela.

— Não é bom! — Ela argumentou. — O que estão ensinando a ela?

Exigiu de seu filho mais velho. Ramzi não se intimidou.

— Ela não deveria beijar meninos, mãe!

Ava jogou as mãos para o ar.

— Ela tem cinco anos! Não vai beijar ninguém!

— Eu quero beijar um menino! — Shantra cantou, mais uma vez pulando para cima e para baixo. Ela então agarrou a perna do pai e beijou o joelho dele. — Eu beijei um menino! — Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu. — Agora eu te jogo, papai?

Jiran riu e levantou-a em seus braços.

— Sim. Agora você precisa me jogar.

— Não quero jogar você.

Disse Shantra, rindo colocando a cabeça no ombro dele e enlaçando os braços no pescoço do pai.

Ava não podia acreditar no que estava acontecendo e olhou para o marido bonito. Como se dissesse: “conserte isso” e ele não fazia a menor ideia de como conseguir. Poderia dirigir exércitos e sabia como combater inimigos visíveis e invisíveis, mas as manias das meninas e seus irmãos? Deixava-o perdido.

Jiran sabia o que sua esposa estava pensando e riu, levantando a mão livre no ar.

— Você quem pediu filhas!

Ava olhou para Ciala, que estava agindo como se estivesse escapando da punição. Os garotos estavam olhando para ela como se estivessem prestes a jogá-la em um buraco lamacento e a babá ainda não sabia o que fazer.

— Garotas deveriam ser mais fáceis. — Ela resmungou.



Capítulo 4

— Ei, pirralha! — disse Rais ao entrar no quarto de Shantra. Ele tinha acabado de voltar da universidade e ficou surpreso com o quanto sentiu falta de suas irmãs irritantes.

Shantra estava sentada no meio da cama, lágrimas escorrendo pelos olhos e todo o seu corpo entrou em modo de batalha.

— O que há de errado, Shantra?

Exigiu, movendo-se rapidamente para o lado da cama. Shantra olhou para seu irmão mais velho com lágrimas pesadas rolando por suas bochechas, se levantou, se jogando em seus braços.

— Você está em casa!

Rais pegou sua irmãzinha nos braços e a abraçou, mas ele ainda não tinha certeza do que a machucou.

— Shantra, me diga o que aconteceu. Por que você está tão triste?

Seus braços magros apertaram ao redor do pescoço do irmão e soluçou falando:

— Ele está casado!

Rais ouviu um barulho e se virou para ver que Ramzi e Turk acabavam de entrar no quarto também. Ele não

conseguia se virar para encarar completamente os irmãos, mas o olhar em seus olhos dizia o suficiente. Então perguntou, tentando descobrir o que estava acontecendo.

— Querida, quem se casou?

Ela recuou, seu talento dramático em completa evidência.

— O homem por quem estou apaixonada! Se casou com outra mulher! Ele não esperou por mim! — E com esse anúncio, ela pulou em sua cama mais uma vez, um braço cobrindo os olhos enquanto soluçava sua desolação.

— Por quem você se apaixonou? Eu vou matá-lo!

Falou Turk, com os braços cerrados em sua cintura.

— Você não pode! — Shantra soluçou. — Eu prefiro que seja feliz do que morto, ele merece isso pois já me deu muita felicidade em minha vida. — Ela suspirou mais uma vez. — Suponho que seria pedir demais que ele esperasse mais quatro anos por mim.

— O que acontecerá em quatro anos?

Ramzi perguntou com a cabeça girando, ainda tentando descobrir como um homem conseguiu passar pela segurança do palácio o suficiente para fazer sua irmãzinha se apaixonar por ele.

— Era um dos guardas?

Isso faria sentido. O guarda seria demitido, mas pelo menos faria sentido, a pergunta fez Shantra afastar o braço dos olhos.

— Um guarda? Você está de brincadeira? Esses homens são velhos! Ela disse com desdém.

Os três irmãos ficaram olhando para a irmãzinha, completamente perdidos. Nesse momento Ciala entrou no quarto e gritou quando viu os três juntos.

— Vocês estão em casa! — Disse e correu pelo quarto para abraçar cada um deles. — Não posso acreditar que vocês estão em casa! E não foram me ver!

— Estávamos a caminho, mas há algo errado com Shantra, — disse Rais.

Todos os quatro se viraram, olhando para Shantra, que parecia desolada. Ciala revirou os olhos.

— Ignorem-na. Aquela estrela do rock de aparência grosseira, Dakota Lafayette, se casou no fim de semana e ela está chateada porque diz que o amaria mais, se a esperasse até os dezoito anos de idade para se casarem.

Ramzi, Rais e Turk bufaram. Ramzi e Turk concordavam com a cabeça enquanto Rais dizia:

— Ela não vai se casar com ninguém com dezoito anos!

— Eu nunca vou me casar, — disse Shantra com mais drama. — Nunca amarei nenhum homem de novo! Dói demais. — Um novo ataque de lágrimas escorreu por suas bochechas.

Ramzi, Turk e Rais olharam para ela, depois para o outro. Então os três se voltaram para Ciala para uma explicação.

— Apenas a ignore, vai superar a traição de Dakota. Shantra estava apaixonada por Mark Washington na semana passada. Esta última obsessão é nova.

— Quem diabos são Dakota Lafayette e Mark Washington? — Turk não entendeu.

— E como eles entraram no palácio? — Ramzi exigiu.

Ciala riu suavemente.

— Shantra nunca os conheceu. São cantores de rock que ela está obcecada. Não se preocupe com isso. Vai seguir em frente e na próxima semana, haverá outro cara.

Shantra se levantou e pulou da cama, inconsciente das fotos que caíram no chão no processo.

— Estou indo para a cozinha sufocar meu desgosto com sorvete de chocolate. Alguém quer se juntar a mim?

Ramzi sacudiu a cabeça.

— Temos que estar apaixonados por alguém para se juntar a ela?

Ciala bufou.

— Como se vocês três se apaixonassem por apenas uma mulher, — e saiu pela porta, mais do que pronta para comer sorvete de chocolate, se isso ajudasse sua irmãzinha a superar o último drama. — Acho que o chef fez biscoitos de chocolate também, — disse ela aos meninos.

— Ela está certa sobre se apaixonar. — Resmungou Turk. — De jeito nenhum!

Ramzi fez uma careta.

— Há muitas mulheres para amar antes de nos casarmos.

— E, mesmo assim, há sempre uma riqueza de possibilidades, — concordou Rais.

Os três jovens riram ao seguirem as irmãs menores pelo corredor até a cozinha. Amor, zombaram. Nunca seriam vítimas daquela emoção feminina todos silenciosamente prometeram.

Trecho de Grávida do bebê do Sheik, Livro um da The Samara Royal Family Series.

Mia Fortelle olhou para o belo vestido em exposição com nostalgia, completamente alheia ao vento frio e cortante ou aos outros pedestres que passavam ao redor dela.

— Deus, isso seria adorável!

Mia suspirou enquanto olhava pela vitrine da loja, praticamente babando sobre o belo casaco feito de lã vermelha quente. Ou pode ser cashmere. Mia não fazia ideia, nem podia pagar. Na verdade, não podia fazer nada além de olhar melancolicamente pela janela. Esse casaco específico de designer provavelmente custava tanto quanto o salário de um mês inteiro. Possivelmente até mesmo dois meses, pensou com sombria aceitação enquanto puxava seu casaco maçante de tweed marrom para mais perto de seu corpo, tentando afastar o frio gelado de outro inverno brutal de Montreal. O salário de um professor não era muito, então o salário de um mês provavelmente não pagaria aquele casaco. Talvez o lenço, pensou com uma risada.

— Você deveria ter um. — Disse uma voz profunda à direita.

Mia virou-se para sorrir educadamente. Imaginava, possivelmente, o gerente da loja ou talvez apenas um transeunte.

O que não previra, nunca poderia imaginar, era olhar nos olhos do homem mais incrível que já viu em sua vida. Alto, extremamente alto, com cabelos negros e olhos escuros, pele bronzeada, nariz duro e queixo ainda mais duro que era um pouco mais escuro do que o resto do rosto quando sua barba de final de dia se fazia visível.

Ele era chocantemente atraente e seu corpo estremeceu mais uma vez, mas desta vez, não foi por causa do frio. Era por causa do homem, os olhos, o jeito que estava encarando-a e a onda de consciência feminina que subia dentro dela com esse homem tão perto.

Ela abriu a boca para falar, mas as palavras não vieram. Ficou chocada com o apelo surpreendente e chocante desse homem e não sabia como lidar com a masculinidade crua.

Este não era o tipo de homem com quem normalmente lidava durante o dia. O homem mais masculino que encontrou durante suas incumbências semanais foi o cara rude atrás do balcão de carne com uma barriga enorme e barbudo.

Esse homem era... ele era... além das palavras. Era atraente de uma forma sensual e erótica que instantaneamente fazia seu corpo pulsar com a necessidade de se se apertar nele e descobrir como seria beijá-lo.

Nunca qualquer homem a afetara tão fortemente e instantaneamente. E ele a aterrorizou! Ela não era o tipo de mulher que poderia lidar com um homem assim!

— Eu sinto muito, — disse e inclinou a cabeça, começando a passar por ele para que pudesse correr para casa. Ela parava nessa loja todos os dias, olhando as roupas bonitas que eram trocadas a cada duas semanas. Não que pudesse usar aquelas roupas, disse a si mesma com firmeza enquanto se preparava para ir embora. Essas roupas e esse homem estavam fora do seu alcance. Ela era do tipo boliche, anéis de cebola e pipoca de cinema enquanto esse homem era salão de baile, caviar e o melhor champanhe. Seu casaco de caxemira parecia macio e quente, assim como o cachecol forrado de seda em volta do pescoço. O vento congelante soprava seu cabelo preto, mas ela sabia que até aquele era um corte de cabelo caro. Tudo sobre ele gritava riqueza e poder — duas coisas que ela não tinha, nem poderia ter com seus objetivos profissionais.

E tudo bem! Ela amava seu trabalho, amava suas crianças e prosperava no ensino. O que não estava bem era a maneira nervosa como este homem a fazia sentir, mesmo quando ele estava a dois metros de distância dela. Ela não gostou do jeito que os joelhos tremiam ou o coração batia dentro do peito.

— Por favor, não vá, — sua voz profunda instigou e ela sentiu a mão enluvada chegar e tocar suavemente a manga de seu casaco. Mesmo através da espessa camada do casaco de inverno, bem como a manga do suéter por baixo, ainda podia sentir o calor dos dedos e era como uma onda de choque esmagando seus sentidos.

Olhando nos olhos escuros, estava tão assustada que não sabia o que dizer.

— Jante comigo esta noite, — ele pediu.

Mia estremeceu, aqueles olhos escuros prometendo-lhe muito mais do que o jantar. E uma parte muito grande de seu cérebro se perguntou se deveria aceitar. Apenas uma vez em sua vida, ela queria viver do lado selvagem, para experimentar o tipo de emoção que os olhos do homem prometiam.

Ela abriu a boca para aceitar, para dizer sim e descobrir mais dessa promessa. Mas em vez de concordar em jantar, balançou a cabeça.

— Não posso.

Finalmente disse, embora quisesse desesperadamente dizer sim, o que não fazia qualquer sentido, já que todos os seus instintos lhe diziam para fugir desse homem perigoso. Por que ela hesitaria? Por que ainda estava de pé aqui? Por que estava olhando para este homem como se quisesse... fazer coisas que estavam tão erradas?

— Não pode? — Perguntou com uma leve elevação daqueles lábios firmes.

Ramzi observou os olhos da mulher, viu a indecisão e soube que a teria. Observou-a por vários minutos, preso pelo belo perfil enquanto ela olhava a janela da loja. Ele a queria, não sabia como era seu corpo por causa do casaco de inverno barato e feio, mas suspeitava que seria perfeita. Estava determinado a descobrir o quão perfeita realmente era. Teve

que se conter, de verdade, para não esticar a mão e tocar a pele de porcelana.

E aqueles olhos! Pareciam cintilantes águas-marinhas cercadas por um espesso leque de cílios escuros. Tudo o que essa linda e fascinante mulher estava pensando foi revelado naquelas profundezas brilhantes. Nunca viu tal cor e sabia que poderia se perder naquele olhar azul-marinho.

— Não acho que "não posso" esteja no meu vocabulário. — Brincou, viu o leve sorriso nos lábios cheios um momento antes de tentar escondê-lo, mas isso lhe deu coragem. Ela começou a recuar, mas pegou a mão dela, notou o tremor mesmo através de sua luva de couro. — Não vou te machucar e me desculpe se estou te assustando, não é minha intenção. Só queria te conhecer. — Fez uma pequena pausa. — Talvez se apenas me desse seu nome, eu ficaria satisfeito.

Mia riu apesar de seu nervosismo. — Tenho uma suspeita de que te dar o meu nome só o incentivaria. — Sabia que ele estava brincando, mas estava tão fora do seu alcance com o seu tipo de encanto. — Eu tenho que ir. — Disse através dos lábios rígidos.

— O seu marido está te esperando? — Perguntou, mais uma vez. A adorável mulher imediatamente sacudiu a cabeça.

— Não sou casada. — Respondeu rapidamente.

— Namorado então? — Perguntou com cuidado e imediatamente algo relaxou dentro dele. Não estava disposto a se envolver com mulheres casadas, mas um namorado poderia ser dispensado.

— Eu não... — ela começou a dizer, então balançou a cabeça novamente. — Desculpe, mas não o conheço e normalmente não falo com estranhos. Minha única desculpa é que é muito charmoso e extremamente bonito. Mesmo assim, vai ter que me desculpar.

Após dizer isso mais uma vez começou a andar. Ramzi permitiu que ela caminhasse desta vez, mas acenou para o guarda-costas, indicando que o homem deveria seguir a mulher com os olhos deslumbrantes e o sorriso encantador.

— Nos encontraremos de novo. — Disse, gostando do jeito que ela voltou o olhar para ele. E lá estava, pensou com prazer. Um sorriso quase inexistente. Alguns podem até dizer um sorriso desafiador. Esse é todo o incentivo que precisava.

Bem, nem precisava disso. Ele estava confiante o suficiente para acreditar que poderia superar quaisquer objeções que pudesse ter ao relacionamento, mas o sorriso ajudou. Isso lhe dizia muito mais do que um simples sorriso, dizia que estava interessada.

Ah, pequena dama, pensou, seus dias estão contados. Nós ficaremos juntos.

Às seis da tarde, ele tinha uma pasta com as informações da mulher e se sentou com um copo de uísque para ler.

Em sua experiência, as mulheres eram inconstantes, gravitando para o homem que lhes daria mais, mas prontas para passar para o próximo, se algo melhor cruzasse seu caminho. Normalmente, ele era o “algo melhor” que as

mulheres olhavam. Muitas vezes, viu mulheres deixarem os braços de um homem, encontro/amante/marido para ter ele do lado.

Ele sabia que era cético sobre o mundo. E provavelmente havia mulheres por aí que não eram tão mercenárias. Mas até agora não se deparou com nenhuma delas. Seria a adorável Mia a representante-leal-inexperiente do gênero feminino para esse perfil?

Ele duvidou disso, não tinha essa sorte, pensou com cinismo.

Certamente seria delicioso explorá-la. Tinha vinte e quatro anos de idade, formada há dois, mas fazia mestrado em educação. Recebeu excelentes avaliações dos orientadores, bem como várias cartas de agradecimento de pais de alunos de sua classe e de acordo com as entrevistas com alguns pais, todos a amavam. Seu saldo bancário era dolorosamente baixo, era filha única e infelizmente havia perdido os pais há alguns anos, quando era só uma criança. Se perguntou se alguma vez se sentia sozinha agora que não havia mais ninguém por ela no mundo.

Indo além no relatório rapidamente compilado, leu a lista de suas associações profissionais, todas muito impressionantes, além de vários artigos que publicou durante os anos na universidade, além de vários outros publicados em revistas profissionais mais recentemente.

As informações eram reveladoras, pensou ao deixar o arquivo de lado, mas não o suficiente. O arquivo não contou

tudo o que queria saber. Logo, ele pensou. Iria obter todas as informações sobre sua misteriosa e tímida dama muito em breve.

Não se questionou por que precisava de detalhes sobre essa mulher em particular, quando no passado, seus relacionamentos sempre permaneceram muito mais superficiais. Uma mulher bonita, conversa inteligente e uma natureza sensual eram tudo o que queria ou exigia de sua companhia feminina. Bem e a capacidade de esquecê-la quando seu interesse diminuísse.

Suspeitava que a Srta. Fortelle seria uma companheira muito mais fascinante do que suas antigas amantes foram.

No dia seguinte, Mia ficou na porta da sala de aula e olhou para o enorme buquê de rosas cor-de-rosa em sua mesa. Não queria tocá-las, mas dizia a si mesma que não eram venenosas, que uma cobra não ia pular para mordê-la e não havia nenhuma aranha espreitando dentro das belas flores, pronta para atacar. Eram apenas flores. Flores simples e lindas. Rosas cor-de-rosa. Nada de rosas vermelhas clichês.

Claro, as flores podem ter sido de outra pessoa, pensou. Poderiam ser do cara que conheceu no café na semana passada, aquele com a covinha estranha no meio de uma bochecha, mas não na outra. Eles poderiam ser daquele professor com quem conversou na conferência de ensino no mês passado, aquela em que todo mundo ficou entediado, fora de si. Era um homem muito bonito, um pouco mais

magro do que o homem que ocupara seus pensamentos e sonhos nas últimas vinte horas.

— Iremos para a sala de aula, Srta. Fortelle? — Perguntou um de seus alunos.

Mia olhou para trás, percebeu que sua turma ainda estava do lado de fora no corredor. Ela tinha acabado de sair com todos da aula de música e estava tentando se preparar mentalmente para a sessão de matemática da tarde, quando viu as flores que foram colocadas no canto da mesa.

— Oooh! A Srta. Fortelle recebeu flores! — Uma das meninas exclamou, passando por ela e se mexendo entre as mesas até que chegar na quina da mesa de Mia, onde as rosas estavam. Com esse anúncio, o caos explodiu em todos os alunos tentando vislumbrar a evidência da vida romântica de sua professora favorita.

Enquanto ela estava na porta, Mia sentiu vários deles se aglomerando em torno dela, alguns esbarrando em suas costas e quadris em seu esforço para ver as flores. Sabia que era hora de fazê-los se sentarem e dar início a aula de matemática, mas realmente estava com medo de entrar na sala de aula, com medo do que as flores significavam.

Dois outros professores se aproximaram de Mia, quase tão excitados quanto as crianças. Um dos outros professores perguntou com um sorriso no rosto.

— Tem um novo gato?

A outra professora, cerca de dez anos mais velha, só sorria com cinismo para si mesma enquanto continuava andando pelo corredor até sua própria sala de aula e dizia:

— Não se acostume com isso, querida. Apenas aproveite as flores agora porque os homens não continuam com esses pequenos e doces gestos mais tarde. Assim que colocam o anel em seu dedo, o romance sai pela porta. Junto com muitas outras coisas divertidas.

Mia se sacudiu e aceitou que estava sendo boba. As flores podem ser de qualquer um! Além disso, o homem bonito da rua ontem não saberia onde morava. Mal se falaram! Ele nem sabia o nome dela, muito menos onde ela trabalhava ou até mesmo sua ocupação! Estava sendo ridícula e a aula precisava começar.

— Ok, se acalmem e encontrem seus lugares.

Gritou, entrando na sala e observando como todos os seus alunos se juntaram, alguns deles indo para os lugares, mas um grupo teimoso ainda pairava em torno de sua mesa, querendo tocar as delicadas flores.

— Para os seus lugares.

Gritou novamente, desta vez com um tom severo de voz. Os alunos ouviram a autoridade em sua voz desta vez e obedeceram e foram rapidamente para as cadeiras, mas ainda olhando para as flores com anseio. As garotas estavam desejando ter um namorado que lhes mandasse flores enquanto os garotos se perguntavam... bem, não tinha ideia do que garotinhos pensavam das flores. Provavelmente que

eram fedidas. Suspeitava que as opiniões deles não mudariam à medida que envelhecessem, mas entenderiam o significado para uma mulher. Pelo menos, ela esperava que isso acontecesse.

— Nós vamos aprender sobre... — E começou a aula, concentrando toda a sua energia em ensinar as crianças. Foi um desafio pois as rosas cor-de-rosa continuavam chamando sua atenção, e distraindo-a. Assim como as memórias daquele homem haviam feito durante toda a noite e toda a manhã. Quando passava pela sua mesa, podia sentir o perfume delicado e a cor que continuamente atraia seu olhar e ela para mais perto. Resistia ao impulso, tanto quanto podia, mas era um desafio.

No final do dia, depois que seu último aluno foi para casa, a sala de aula foi limpa e as aulas preparadas para o dia seguinte, estava exausta. Tudo o que queria era chegar em casa, se aconchegar com uma xícara de chá e assistir a um filme. Algo nada romântico, para que nem sequer pensasse no homem da noite anterior ou no modo como seus olhos gritavam um aviso. Um aviso que seu corpo certamente entendeu! Seu corpo estava obedecendo a esse aviso? Absolutamente não! Nem sua mente parou de pensar na nota anexada às flores.

Ela espiou, mas isso não provou nada. Tudo o que estava escrito era: *Lindas flores para uma linda mulher*. Nada mais, nenhum nome, nenhuma inicial, nem mesmo uma pista sobre quem poderia tê-las mandado.

Mas ela sabia. Não conhecia o nome do misterioso homem de ontem à noite, mas sabia que as rosas eram dele, sabia disso e seu coração acelerou com esse conhecimento.

O homem não jogava limpo, pensou enquanto vestia o casaco marrom, enfiava as mãos nas luvas de couro desgastadas e pegava a sacola pesada cheia de papéis que precisava organizar hoje à noite. Enviar flores anônimas era trapaça, pensou. Se não estivesse tão fascinada pelo homem, poderia pensar que o gesto era um pouco assustador. Ela provavelmente deveria pensar que era assustador. Afinal, não havia nota, nem nome. Um pouco perseguidor.

Mas seu coração pulsava com a consciência do homem e do poder sobre sua mente, mesmo à distância.

Era hora de seguir em frente, disse a si mesma com firmeza. Deveria jogar as flores fora. Quando a mão dela voou sobre o interruptor de luz da sala de aula, considerou fazer exatamente isso. Mas no final, as rosas cor-de-rosa eram simplesmente lindas demais para serem destruídas. E como nunca mais veria o homem, qual seria o problema?

Ela desligou o interruptor e saiu do prédio, dando tchau para os outros professores que ainda estavam terminando em suas salas de aula.

Desceu a rua e virou à direita na Rue Sherbrook, fazendo os pés andarem mais depressa, se recusou a observar as vitrines hoje, mesmo com o tempo melhor, o vento não estava tão forte como no dia anterior. Quando

começou a se aproximar da loja que amava tanto, diminuiu a velocidade e mordeu o lábio. Ela deveria...

Em vez de ir direto, virou à direita e foi para a Rue Sainte-Catherine, onde havia mais lojas, bem como pequenos restaurantes. Uma de suas lojas favoritas de chocolate também estava naquela rua, mas ignorou os letreiros de uma xícara de chocolate quente, se apressando para chegar em casa. A rua era semelhante a qualquer outra de cidade metropolitana, exceto que havia adoráveis igrejas antigas escondidas entre os prédios altos. Se ela tivesse virado à esquerda, se perderia na Universidade McGill, mas com mais colinas naquele caminho, as ruas levavam os pedestres até o Parc du Mont-Royal, o ponto mais alto da cidade. Já estava sem fôlego por andar tão rapidamente. Não precisava subir a colina e fazer sua jornada ainda pior. Tudo o que queria era evitar o homem em questão e fingir que o estimulante interlúdio de ontem não aconteceu.

Quando finalmente chegou ao seu apartamento, que ficava em uma das casas mais antigas que foram convertidas em unidades menores há algumas décadas, deu um suspiro de alívio. E desapontamento? Não, pensou quando destrancou a porta. Isso foi ridículo! Não ficou desapontada por não ter encontrado o estranho. Pelo amor de Deus, desviou do caminho para se certificar de que não veria o homem!

Seu apartamento estava localizado em um dos edifícios mais antigos perto da Estação Place-des-Arts. Toda vez que andava pelos balanços com os sinos tocando, ela sorria,

pensando em como seria maravilhoso levar seus próprios filhos para lá um dia. Os sinos só tocavam quando alguém balançava nos balanços, num sábado ou domingo à tarde, na primavera ou no outono, era como um paraíso musical, já que todos os balanços estavam cheios de crianças rindo ou mesmo de adultos interessados em fazer os carrilhões tocarem.

Subiu as escadas até o apartamento, imaginando o que o homem estava fazendo naquela noite. Estaria sentado em algum restaurante elegante, tratando de um grande negócio para a empresa na qual trabalhasse? Ou encontrou uma mulher sofisticada com pernas sexys e cabelos loiros e tomava um copo de vinho com ela? Baniu essa possibilidade, não gostando da ideia de seu estranho com uma loira, ou qualquer mulher.

Acendendo as luzes, parou pela segunda vez no dia. Teve um belo buquê de rosas na sua escola, mas... uau! O único buquê não era nada comparado ao mar de rosas que estava vendo agora, quando entrou pela porta. Seu minúsculo apartamento estava completamente cheio de rosas! Estavam por toda parte! Ela nem conseguia entrar no apartamento porque o corredor estava bloqueado por todos os vasos cheios de flores incrivelmente bonitas. Seu apartamento cheirava melhor do que um balcão de perfumaria!

A gargalhada que escapou de sua boca foi surpreendente no silêncio. Ela namorou alguns caras no passado. Ninguém poderia chamá-la de jogadora no mundo

do namoro, mas teve um número lisonjeiro de convites. Mas nenhum homem chegou perto disso. Nenhum homem jamais fizera algo tão escandalosamente extravagante.

Cuidadosamente, para que não derrubasse nenhum vaso cheio de flores, colocou a bolsa no chão e foi para seu apartamento, olhando em volta maravilhada e admirada. Olhando para a cozinha, percebeu que não havia espaço nos balcões. Havia até buquês de rosas cor-de-rosa em cima da geladeira. Aprofundando-se no apartamento, olhou para o quarto e corou porque, com certeza, havia rosas cor-de-rosa em cada superfície plana e várias no chão. Obviamente, a pessoa de entrega ficou sem lugares para colocar os vasos porque havia cerca de vinte deles no chão de sua área de trabalho.

Isso era loucura, pensou, cobrindo a boca com a mão para se impedir de sorrir como uma lunática.

Não ia questionar como o homem descobriu onde morava. Isso pode ser um pouco estranho. Obviamente, ele tinha recursos, mas não recebeu vibração de serial killer ou estuprador dele ontem à noite. É claro que seus sentidos poderiam estar fora de ordem por causa da eletricidade que sentiu vindo do leve toque dele, mas tinha uma intuição sobre este homem, era perigoso, mas não de maneira criminosa.

Quando a campainha tocou, ela sabia exatamente quem era. Nem sequer considerou não abrir a porta desta vez. Claro, ter um grande número de rosas entregues na casa não

tornava o homem perigoso. Não de maneira alguma. Mas havia algo sobre o gesto que a atraía. Queria vê-lo, queria entender que tipo de homem faria algo tão louco.

Com confiança suficiente, assim que abriu a porta, levantou seus olhos e encontrou os olhos escuros do homem encarando-a.

— *Vous etes un fou*. — Disse sem pensar. Não tinha como tirar o sorriso bobo de suas feições, mesmo quando o chamava de louco em francês. Uma sobrancelha escura subiu em reação.

— Desculpe-me? — Pediu e se inclinou para frente, entregando uma única rosa cor-de-rosa. Ela piscou e percebeu que falara em francês em vez de inglês e balançou a cabeça.

— Desculpa, disse que você é um louco, senhor.

Os olhos dele se iluminaram e sentiu a temperatura no apartamento aumentar em cerca de vinte graus.

— Ah, fala francês quando está nervosa. — Ele se aproximou. — Acho que gosto disso em você. Muito sexy.

Mia percebeu que estava prendendo a respiração e encheu os pulmões. Infelizmente, o ar estava cheio com seu aroma que era picante, convidativo e tão sedutor.

— O que faz aqui?

Ele sorriu levemente.

— Vim para ver se você recebeu minha mensagem.

Ele sorriu, embora ela não se permitisse fazer o mesmo, sentiu uma risadinha de menina começando a borbulhar, mas abafou impiedosamente e perguntou, gesticulando para atrás para todas as flores.

— Que você é louco?

Sua risada grave fez algo profundo dentro dela. Algo pecaminoso e sexy e seu corpo queria apenas se enrolar em torno desse homem e seu cheiro, bem como daquela risada chocante.

— Que eu gostaria de levá-la para jantar hoje à noite.

Ela se afastou, surpresa por ele parecer sério.

— Sério?

Suas mãos se moveram para virá-la ligeiramente para o banquete de rosas.

— Estava no bilhete.

— Bilhete?

Estava confusa e olhou de volta para ele. Por que não conseguia parar de olhá-lo? Era um homem devastadoramente bonito, mas isso não deveria significar nada. Deveria estar olhando para dentro, em direção a quem ele era como pessoa. Ela era realmente tão superficial?

— Havia um bilhete.

Ele confirmou, balançando a cabeça ligeiramente e ela suspirou.

— Você deve estar brincando, certo? Acabei de chegar em casa e vi tudo isso. Não há maneira alguma que consiga encontrar um bilhete aqui.

Ramzi observou a linda mulher com cuidado, apreciando o jeito que ela corou quando se aproximou, suspirou quando se afastou um pouco dela e abaixou os cílios longos e escuros quando tentou esconder as duas reações. Estava bem aqui a atração tão forte quanto a que ele sentia por ela.

Pela primeira vez, olhou para o apartamento dela e notou o mar cor-de-rosa. Estava tão empenhado em assistir sua empolgação que não notou o número insano de flores. O apartamento estava realmente cheio de flores.

— Não sabia que sua casa era tão pequena.

Explicou com outra risada profunda. Passou por ela e olhou ao redor. Quando encontrou o que procurava, levantou o pequeno envelope branco do buquê e o entregou.

— Acredito que isso explicará.

Os olhos de Mia se encheram de diversão, mas aceitou o envelope, pegando o cartão.

— *Jantar hoje à noite, sete horas.* Isso é tudo?

Ela perguntou, rindo baixinho do bilhete que era mais um comando do que um pedido de encontro.

— Não é nem uma pergunta, senhor. E não, não sei seu nome, então não há possibilidade de sair para jantar com você.

Ele se inclinou para frente, apoiando-a contra a parede.

— Massa coberta de queijo e molho, talvez alguns frutos do mar misturados com muito alho, pão com manteiga de verdade.

Disse as palavras suavemente, como se fossem uma carícia para que ela as sentisse até os dedos dos pés.

— Manteiga de verdade? Não como manteiga de verdade — sussurrou, seus olhos caindo nos lábios dele, respondeu.

A mão dele subiu, um longo dedo passou por sua bochecha para acariciá-la e apaziguar a curiosidade de como ela se sentiria.

— Hoje à noite, viva o lado selvagem, coma manteiga de verdade e sobremesa de chocolate com creme extra e terminará a noite... — quase disse “comigo”, mas reteve, instintivamente sabendo que teria de ir mais devagar com essa mulher. — Com o melhor conhaque que já provou.

Mia inconscientemente lambeu os lábios e suspirou.

— Eu não posso imaginar o melhor conhaque.

Respondeu, caindo sob seu feitiço, mesmo sabendo que deveria expulsá-lo e correr o mais longe dele que pudesse. O sorriso dele cresceu com as palavras.

— Então eu vou ter que te ensinar sobre o fabuloso mundo do conhaque.

— Conhaque.

Sussurrou, sentindo que ele estava chegando mais perto, mas sua mente não conseguia se concentrar com a

proximidade. Apenas sua boca e seu incrível cheiro masculino que agora a cercava. O conhaque pode ser bom, mas o cheiro desse homem era o afrodisíaco mais potente que ela já experimentara.

— Entre outras coisas.

Mia estremeceu com a ideia de “outras coisas”. Queria saber a que ele poderia estar se referindo, mas seus lábios não conseguiam formar as palavras. Uma parte dela estava com muito medo daquelas “outras coisas”. Sabia que não deveria querer essas “outras coisas”. Mas queria! Oh, meu Deus, ela queria tanto aquelas “outras coisas” com este homem que quase podia prová-las! Em menos de vinte e quatro horas e com apenas algumas trocas de palavras, ela estava quase ofegando por aquele homem com uma escandalosa falta de decoro.

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).

